

NOTAS PARA O ESTUDO DO URBANISMO DA CIDADE ROMANA DE BOBADELA

por

Helena Frade, José Carlos Caetano,
Clara Portas & José Luis Madeira

Resumo: Na sequência das escavações realizadas no anfiteatro romano de Bobadela, surgiram alguns elementos que poderão ajudar a uma melhor compreensão do urbanismo da cidade romana. Com base nesses elementos apresenta-se uma nova proposta de planta do *forum* e a sua relação com o anfiteatro e os principais eixos viários.

Palavras-chave: Bobadela. Urbanismo romano. *Forum*/Anfiteatro.

Bobadela, pequena aldeia do concelho de Oliveira do Hospital, no distrito de Coimbra, foi sempre conhecida pelo arco romano que se ergue no Adro da Igreja. É um dos indícios, conjuntamente com as inscrições, os elementos arquitectónicos, a estatuária e outros achados avulsos, além das estruturas encontradas em escavações arqueológicas, da localização de uma cidade romana na área ocupada pela actual aldeia. No entanto, desconhecemos o seu nome latino.

Os achados e os vestígios de Bobadela têm merecido, ao longo dos tempos, a atenção de eruditos e investigadores. Já na 1ª metade do séc. XVII Brás Garcia de Mascarenhas, no seu poema *Viriato Trágico*, refere a existência de uma cidade antiga em Bobadela. No séc. XVIII, várias inscrições são publicadas por Frei Tomás da Encarnação, Carlos da Anunciação e Balthazar da Silva Lisboa (referidos em AMARAL 1982b: 120-123). Nas Memórias Paroquiais de 1721, o pároco da aldeia descreve e copia algumas inscrições, falando também sobre as ruínas existentes (CARRILHO 1721).

No séc. XIX, há um recrudescimento do interesse sobre os vestígios da antiga cidade romana. São então republicadas as inscrições já conhecidas e dadas à estampa outras inéditas. São também referidas e localizadas as ruínas de dois aquedutos e de um segundo arco fronteiro àquele ainda hoje existente, e são noticiados os achados de colunas, capitéis, uma cabeça de mármore pertencente

a uma estátua colossal e dois vasos de bronze (CASTELLO-BRANCO 1849: 385-395; SECCO 1853; GOMES/VASCONCELOS 1883; SARMENTO 1883; ABREU 1893).

Já neste século J. Leite de Vasconcelos publica toda a bibliografia que conhece sobre o arco (VASCONCELOS 1902: 56-58); A. Mesquita de Figueiredo e F. Pellati fazem alguma divulgação internacional dos vestígios romanos em Bobadela (FIGUEIREDO 1913; PELLATI 1931), e vários outros autores referem e escrevem sobre os vestígios já conhecidos (VASCONCELOS 1922; CORREIA 1944 e 1972; CORREIA/GONÇALVES 1953; NUNES 1952).

Aparecem também alguns artigos sobre a Bobadela romana no jornal "A Comarca de Arganil", mas que apenas reproduzem escritos já conhecidos (ILHARCO 1932; P.M. 1961; MENDES 1963). Mais recentemente, Regina Anacleto faz o estudo da epigrafia romana da cidade (ANACLETO 1981).

Até aos inícios da década de 80, os únicos testemunhos que nos lembravam a cidade que os romanos aqui implantaram e que nos davam informações sobre essa mesma cidade, eram apenas os registos epigráficos, a cabeça masculina pertencente à estátua de um imperador, o arco monumental, além do que tinha sido referenciado pelos diversos autores que se debruçaram sobre o assunto.

Sobre a topografia da Bobadela romana não havia dados; nada se conhecia sobre a sua estrutura urbana, nem se sabia o local de nenhum daqueles edifícios públicos necessários ao cumprimento das funções inerentes a uma cidade romana: as funções político-administrativa, religiosa e comercial, representadas principalmente pelo *forum* (com a basílica, templos e *tabernae*), além das funções sociais inerentes às termas, aos edifícios de espectáculos... Mesmo acerca do único resto monumental visível, o arco (Fots. 1 e 2), não se tinha chegado a acordo quanto à sua funcionalidade; foi proposto que seria parte de um pórtico (VASCONCELOS 1922: 144), um arco das muralhas (FIGUEIREDO 1913: 351) ou o acesso a um recinto religioso (CORREIA/GONÇALVES 1953: 165). Mais consensual, no entanto, é a opinião de que se trata de uma das entradas do *forum* (AMARAL 1982a: 39; ALARCÃO 1988a: 70 e 1993: 219).

De grande importância para o estudo de uma cidade são as epígrafes. Apesar do reduzido número das que foram encontradas em Bobadela, se compararmos, por exemplo, com as da Egitânia, elas fornecem informações preciosas sobre os diversos edifícios que teriam existido na cidade romana.

Uma das inscrições aqui encontradas é dedicada à *splendidissimae civitati* pela flamínica *Iulia Modesta* (CIL II 397). Está incompleta e apenas se conhece uma cópia de 1746, colocada sobre a porta da Igreja de Bobadela. Segundo a reconstituição feita por A. E. Maia do Amaral, *Iulia Modesta* mandou executar a dedicatória quando reedificou as portas à sua custa, possivelmente como *summa honoraria* (AMARAL 1982b: 114).

Não se conhecem, até ao momento, quaisquer vestígios de muralha ou de portas de entrada da cidade; por outro lado, a epígrafe foi encontrada na Igreja, perto do arco, pelo que tudo leva a crer que as portas reedificadas tenham sido as do *forum*. Esta prática de um cidadão construir ou arranjar uma parte de um edifício público não é inédita; lembremo-nos, restringindo-nos à Lusitânia, que *L. Cassius Celer* e *C. Licinius Badius* mandaram fazer, cada um, 100 pés do *podium* do circo de *Balsa* (IRCP 76 e 77).

CIL II 401 e 402 informam-nos da existência de dois templos, dedicados respectivamente ao Génio do Município e à Vitória. Encontram-se actualmente numa capela do Couto de Midões; no entanto, deverão ter sido levadas para ali de Bobadela, de onde esta povoação dista apenas alguns quilómetros. Pelas dimensões das inscrições, terão pertencido a pequenos templetos, possivelmente integrados no *forum* (ALARCÃO 1988b 4/316).

Estes templos foram mandados fazer por *C. Cantius Modestinus*, um rico e influente cidadão de Idanha-a-Velha, cidade à qual também ofereceu outros dois templos, dedicados a Vénus e a Marte (MANTAS 1988: 430-432). As relações entre as duas cidades deverão ter sido bastante estreitas e intensas, durante a época romana, uma vez que a já referida flamínica *Iulia Modesta* parece estar aparentada com os *Iulii Modesti*, família poderosa de Idanha-a-Velha (*id. ibid.*: 432).

Um outro templo dedicado a Neptuno terá existido na cidade, a crer-se na inscrição *NEPTVNALE* (CIL II 398), com caracteres de grandes dimensões, que se encontrada embutida na torre sineira da Igreja (ENCARNAÇÃO 1990: 452).

Relativamente a um texto funerário que invoca a *Pietas* (CIL II 396), acerca do qual tem havido algumas opiniões divergentes, foi sugerido que proviria de um mausoléu. Teria sido mandado fazer pela flamínica *Iulia Modesta* para seu marido, *Sex. Aponius Scaevus Flaccus*, flâmine da província da Lusitânia, e homenageando também os seus parentes da *gens Iulia* (AMARAL 1982b: 119-126).

Quanto à cronologia da ocupação romana da actual Bobadela, é mais uma vez a epigrafia que vem em nosso auxílio. Do achado de uma inscrição dedicada a Roma e Augusto parece poder atribuir-se a fundação da cidade a este imperador (ALARCÃO 1988b 4/316). A escavação do bairro augustano parece vir confirmar esta datação proposta.

Considerando o que atrás foi dito, e somente com base nas informações fornecidas pelos dados epigráficos relativamente à estrutura urbana da *splendidissima civitas*, podem-se desde já realçar dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, em Bobadela terão existido três templos, possivelmente integrados no *forum*, dedicados a Neptuno, ao Génio do Município e à Vitória, e também um mausoléu, o da *gens Iulia*; em segundo lugar, destacam-se as figuras de *Iulia Modesta* e de *C. Cantius*

Modestinus, que na modelação urbana da cidade terão desempenhado papéis de relevo, como patrocinadores da construção de edifícios públicos.

A aquisição pela Câmara Municipal de Oliveira do Hospital de um edifício apalaçado situado no centro da localidade (o “Casarão”), com a intenção de o transformar em Museu, veio chamar a atenção para a necessidade da realização de sondagens arqueológicas. Iniciaram-se então as escavações na aldeia, que entre os anos de 1980 e 1983 foram dirigidas por uma das signatárias (C.P.). Os trabalhos começaram no quintal e rés-do-chão do Casarão e no largo da Igreja Matriz. Aqui fizeram-se sondagens junto ao arco e em dois edifícios que limitam o largo: a Casa do Povo (antiga Residência Paroquial), a Norte, e a residência de D. Maria de Deus Pestana (chamada “Casa do Adro”), a Oeste.

Entre 1984 e 1989, já com a actual equipa, os trabalhos tiveram como objectivo escavar o resto das estruturas entretanto descobertas no quintal do Casarão, já identificadas como pertencentes a um anfiteatro.

Todas estas escavações, entre os anos de 1980 e 1989, deram origem a diversas publicações que, reequacionando os dados conhecidos em conjunto com os resultados das escavações, constituem uma nova maneira de olhar os vestígios, tentando integrá-los no contexto e na evolução de uma cidade romana. Assim, Clara Portas (1983; 1984) dá a conhecer os resultados das escavações por si dirigidas; os artigos de A. Maia do Amaral (1982a, 1982b e 1983), Vasco Mantas (1988) e Jorge de Alarcão (1988a: 46-47; 1988b: 4/316) procuram sintetizar os conhecimentos sobre a estação arqueológica.

Uma primeira notícia sobre o anfiteatro, ainda com os trabalhos arqueológicos em curso, foi apresentada no I Colóquio Arqueológico de Viseu (PORTAS/FRADE 1989); já depois da escavação concluída, fez-se uma síntese dos resultados obtidos, focando essencialmente os aspectos arquitectónicos e a evolução diacrónica do monumento (FRADE/PORTAS 1994).

Tendo em conta as contribuições dos diversos autores e também os resultados obtidos após uma década de escavações, podem agora ser identificadas e sumariamente caracterizadas algumas áreas da ocupação romana da cidade de Bobadela: a) o Anfiteatro, b) o Bairro Augustano, c) a *Insula* a Norte do *Forum* e d) o *Forum*.

○ ANFITEATRO

O anfiteatro (Fig. 1; Fot. 3) localiza-se no quintal do Casarão, a uma profundidade de cerca de 4 m em relação ao solo de antes do início das escavações.

É uma estrutura simples, constituído por uma arena elipsoidal, com 49,5 m de eixo maior, orientado N/S, e 39,5 m de eixo menor, orientado W/E (167 e 133 pés romanos, respectivamente). A arena, pavimentada a areão, possui uma rede de esgotos que permitia a drenagem das águas pluviais e a sua condução para um colector, de onde eram escoadas para fora do anfiteatro. É limitada pelo muro do *podium*, com 60 cm de largura e com uma altura que se pode estimar em 2,80/2,90 m. Este muro era rematado por pedras boleadas, colocadas sobre uma pedra biselada que formava uma espécie de cornija.

A Sul e a Norte, existem duas grandes soleiras, com 4,20 m de comprimento, pertencentes às entradas principais para a arena. Foram ainda registados 5 cárceres, dois ladeando a entrada Sul, um na entrada Norte e os outros dois situados nos extremos do eixo menor (Fig. 1, nºs 1 a 5). Os cárceres abrem todos directamente para a arena, através de uma porta com 90 cm de largura, e os que se encontram nas extremidades do eixo menor permitem também que se aceda à *cavea* por uma escadaria de pedra com igual largura.

No cárcere 3 terá havido um segundo piso, com pavimento de madeira situado a cerca de 2,50 m acima do nível da arena. Entrava-se nesse piso por uma porta existente na parede E do cárcere, sensivelmente a essa altura, onde desembocava um corredor vindo directamente do exterior (Fig. 1) (PORTAS/FRADE 1989: 384).

A *cavea*, com cerca de 15 m, foi construída de modo a aproveitar, sempre que possível, o afloramento granítico. Quando este não existia, os enchimentos eram feitos utilizando camadas sucessivas de areão, areia, terra e coroas de pedras, dispostas de modo a darem a inclinação necessária à implantação das bancadas de madeira.

A *cavea* não estava suportada por qualquer infraestrutura de pedra ou madeira, e a morfologia do local obrigou à adopção de soluções arquitectónicas distintas na sua construção. Assim, enquanto a E e a NE do anfiteatro o afloramento rochoso serviu de base a parte da *cavea*, a W a solução encontrada foi a construção de um talude de terra, de duplo declive: um, inclinado para o interior, constituía o assentamento das bancadas, e o outro, inclinado para o exterior, fazia uma rampa. O acesso à *cavea* seria então feito pela sua parte superior, a qual se atingia directamente a partir do exterior a E, ou subindo a rampa a W.

Com base nos elementos recolhidos, e após um levantamento planimétrico e topográfico do monumento, podemos apresentar uma proposta para o módulo construtivo utilizado no edifício, que seria de 17 pés (cerca de 5,02 m). O eixo maior da arena corresponde a 10 módulos (167 pés - 49,50 m) e o eixo menor a 8 módulos (133 pés - 39,50 m). A largura da *cavea* seria de 3 módulos (cerca de 15 metros).

O anfiteatro terá sido construído no último quartel do séc. I e destruído por um incêndio nos finais do séc. IV; no entanto, terá sido abandonado e desactivado antes do incêndio, em data indeterminada (FRADE/PORTAS 1994: 355).

O BAIRRO AUGUSTANO

Na parte NW da zona onde foi construído o anfiteatro existiu, na primeira metade do séc. I d.C., um complexo habitacional (Fig. 1), de que possuímos registos de algumas casas, com os seus pavimentos e lareiras (Fots. 4 e 5), buracos de poste, registos de alpendres, esgotos... As paredes, com cerca de 60 cm de espessura, são de má construção e encontram-se bastante destruídas, apresentando, na sua maioria, uma altura de 40/50 cm de altura (Fot. 6).

O estado de algumas paredes, a interrupção de outras e a falta de conexão evidente entre as diversas estruturas não nos permitiu fazer a recuperação do sistema de circulação e da organização interna das habitações. Se partirmos do princípio que cada casa possuiria apenas uma área com lareira, poderemos concluir que teremos encontrado estruturas de quatro casas. No entanto, a disposição e organização dos compartimentos dessas habitações não são de fácil percepção. Contudo, a escavação deste bairro permitiu-nos obter dados preciosos relativamente à cronologia da sua construção, utilização e abandono.

Este bairro, bastante pobre, poderá ter sido construído nos inícios do séc. I d.C., se atendermos à moeda de Augusto encontrada sob um nível de pavimento. Foi habitado até aos primeiros anos da segunda metade do séc. I, cronologia sugerida pela moeda de Cláudio encontrada no nível de utilização de uma lareira e pelas sigillatas provenientes dos níveis de utilização e de destruição. Foi demolido para dar lugar à *cavea* e às rampas de acesso ao anfiteatro (*id. ibid.*: 354-355).

A INSULA A NORTE DO FORUM

A intervenção no rés-do-chão do Casarão (Fig. 2) centrou-se apenas em três das salas aí existentes, as mais próximas do arruamento actual. Foram encontradas diversas paredes de época romana, definindo vários compartimentos. No entanto, o remeximento que todo o espaço tinha sofrido, essencialmente devido às construções posteriores, aliado à exiguidade da área escavada, não permitiram tirar muitas conclusões sobre o tipo de edifício que ali se encontrava.

Posteriormente fez-se uma sondagem no exterior do edifício, junto à parede que dava para a zona do anfiteatro. Encontraram-se outras paredes, em continuação das do interior, e que definiam aquilo que talvez possa ser considerado a

esquina de um edifício romano. Os materiais aqui encontrados levam-nos a pensar que o conjunto terá sido abandonado no séc. IV.

É provável que, pela localização destas estruturas, junto a um dos acessos ao anfiteatro e separadas do *forum* por uma rua, estejamos perante os restos de uma *insula*, a que se chamou “*Insula a Norte do Forum*” (Fig. 2).

O FORUM

Desde há longos anos que o arco de Bobadela tem sido relacionado com o *forum* da cidade (Fig. 2). Conjugando a localização do arco com algumas estruturas encontradas nas suas imediações, Maia do Amaral propõe duas fases para o edifício: a construção augustana, a que chamou *forum I*, e uma remodelação datável de época flávia, o *forum II*; apresentou apenas uma proposta de planta para esta última (AMARAL 1982a e 1983).

Ao longo dos vários anos em que empreendemos escavações no anfiteatro, fomos analisando as paredes, mesmo as de habitações e edifícios mais recentes, as diversas estruturas e os elementos arquitectónicos que se encontram dispersos um pouco por toda a aldeia: capitéis, bases, fustes simples e duplos, frisos e paredes. Tentava-se olhar, sobretudo, os diversos tipos de aparelhos antigos e realizar um exercício comparativo com as estruturas entretanto surgidas nas escavações.

Constatou-se então que parte da parede posterior da Casa do Povo (Antiga Casa Paroquial), que presumivelmente limitaria o *forum* no seu lado Norte, era semelhante, no material e na técnica construtiva, a alguns muros existentes no anfiteatro, especialmente no *podium*. Esta mesma técnica é também análoga à existente noutros edifícios romanos como, por exemplo, nas paredes levantadas durante a remodelação flaviana das termas de S. Pedro do Sul. Trata-se de um aparelho em *opus quadratum* (Fot. 7), com as pedras bem unidas por uma forte argamassa branca, com bastante cal hidráulica e alguma areia (FRADE/MOREIRA 1992: 536).

Apesar do interesse que se tinha demonstrado em efectuar sondagens junto a essa parede e a um cunhal ainda perceptível, ao chegarmos para iniciar mais uma campanha no anfiteatro a rua estava a ser pavimentada, sem se ter tido qualquer conhecimento prévio desses trabalhos. Realizou-se então uma pequena escavação que, pelo seu carácter de emergência e tendo em consideração as obras em curso, teve que ser rápida e numa área limitada, completamente diferente do que se tinha planeado.

Embora não se tivesse podido escavar junto ao cunhal, os resultados desta intervenção foram bastante proveitosos, pois permitiram verificar não só que a

parede era de construção romana mas também que entre ela e as estruturas já escavadas no Casarão teria existido uma rua.

Ao longo dos anos, foram reconhecidas outras paredes semelhantes em diversas casas particulares. Por vezes, eram apenas pequenos troços, com um ou dois metros de comprimento e três ou quatro fiadas de pedras, sobre os quais se levantavam as paredes actuais; noutros casos ainda atingiam uma altura considerável.

Todos estes elementos foram registados numa planta da aldeia e a pouco e pouco começaram a ter significado. Formavam um recinto quase quadrado, em conexão com o arco romano, que ocuparia o centro de um dos lados desse recinto, permitindo o acesso ao seu interior. No entanto, ainda não se poderia afirmar que esse edifício era o *forum* (Fig. 2).

Mais tarde, em finais de 1992, durante novas sondagens realizadas na Casa do Adro¹, localizada em frente ao arco romano, pôs-se a descoberto uma estrutura formada por grandes silhares (Fig. 3; Fot. 8), que foram interpretados como as fundações de um templo e da escadaria de acesso à *cella*. Os silhares estavam alinhados e tinham uma disposição em tudo semelhante à do embasamento do templo romano de Almofala (FRADE 1990: 97-98).

Por outro lado, a estrutura tinha a mesma orientação do arco e verificou-se que se situava sensivelmente a meio da parede Sul do recinto que já se havia definido. Embora estes restos não tenham grande monumentalidade, a sua descoberta foi decisiva para a confirmação da localização do *forum* da cidade romana de Bobadela.

Este é, assim, um edifício do tipo *forum*-bloco, de planta quase quadrada (Fig. 2), orientado no sentido N/S e com 53 m de comprimento por 47 m de largura. A entrada no recinto far-se-ia pelo arco ainda existente, situado a meio do lado maior, e por um outro arco, fronteiro a este e hoje desaparecido. Teria um pórtico a toda a volta, com colunas duplas, de secção em forma de 8 (Fig. 5; Fots. 9 e 10), que suportavam o entablamento (Fig. 4)².

O templo, com a fachada virada a Norte, teria cerca de 15 m de comprimento por 10 m de largura e foi construído na parte Sul do *forum*. A ordem utilizada terá sido a jónica, conforme o parece demonstrar uma base e um grande capitel encontrados na aldeia (Figs. 6 e 7).

Não se conhecem quaisquer vestígios que possam estar relacionados com os pequenos templetos dedicados ao Génio do Município e à Vitória, pelo que nada se pode adiantar quanto à sua localização no recinto. Do mesmo modo, também

¹Estas sondagens foram efectuadas a pedido da proprietária, D. Maria de Deus Pestana, antes da realização de obras de adaptação do imóvel para Turismo de Habitação, uma vez que o subsolo iria ser remexido.

²Agradecemos à Sr^a. Arq^a. Filomena Furtado a execução desta reconstituição.

não se conhecem estruturas que se possam identificar como fazendo parte da basílica ou de *tabernae*. No entanto, considerando as dimensões do recinto e a colocação do templo, será de considerar a possibilidade de a basílica ter sido construída no lado Norte da praça. Teríamos assim um *forum* que era atravessado a meio por uma rua, servindo esta também de separação entre a área religiosa e a área político-administrativa do edifício.

Este *forum* tem a mesma orientação que o anfiteatro (Fig. 2) e, como já se viu, foram utilizadas técnicas construtivas semelhantes nos dois edifícios. Além disso, há algumas conexões entre os dois edifícios, pois a rua que passa a Norte do *forum* vai permitir o acesso ao anfiteatro, à zona E da *cavea* e possivelmente à entrada Sul (Fig. 2). Poder-se-á pensar que estas construções terão sido resultado de um mesmo plano de uma eventual renovação urbana executada em época flávia, conforme já foi sugerido por Jorge de Alarcão (1988b: 4/316). Para o anfiteatro, os dados arqueológicos permitiram precisar a sua construção no último quartel do séc. I (FRADE/PORTAS 1994: 355); no caso do *forum*, a identificação da cabeça colossal aqui encontrada, proposta embora sob grandes reservas como representando Domiciano, é mais um argumento a favor dessa cronologia e da remodelação urbana (ALARCÃO 1988b: 4/316).

As entradas do *forum* (o arco existente e o que lhe ficaria fronteiro, hoje desaparecido), situam-se no alinhamento de uma via romana. É um caminho que viria de Leste, da zona de Oliveira do Hospital, passaria pela cidade e atravessaria a Rio de Cavalos pela ponte romana ainda hoje existente, dirigindo-se à zona de Tábua, para Poente (AMARAL 1982a: 38-39). Seria talvez uma estrada integrada na rede viária regional e que ligava, para Oeste, a cidade romana de Bobadela à via *Olisipo-Bracara*, com um ramal para Viseu; para Este fazia a ligação com a estrada de *Emerita* a Viseu (ALARCÃO 1988: 104-105).

Tudo o que o que foi dito não passa de um conjunto de pequenos apontamentos sobre alguns dos edifícios melhor conhecidos da cidade romana de Bobadela. O conhecimento sobre o seu urbanismo ainda apresenta muitas falhas, nomeadamente no que respeita à rede viária, habitações (*domi e insulae*), termas, muralhas..., e só a continuação das escavações no local permitirá suprir essas falhas e precisar as hipóteses colocadas.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Adelino de (1893), *Oliveira do Hospital. Traços histórico-críticos*, Coimbra.
ALARCÃO, Jorge de (1988a), *O domínio romano em Portugal*, Lisboa.
ALARCÃO, Jorge de (1988b), *Roman Portugal*, 2 vols., Warminster.
ALARCÃO, Jorge de (1993), "Las ciudades romanas de Portugal", *La Ciudad*

- Hisparromana*, Barcelona, p. 206-223.
- AMARAL, A. E. Maia do (1982a), "Considerações preliminares acerca do forum II de Bobadela", *Munda*, 4, p. 33-39.
- AMARAL, A. E. Maia do (1982b), "Sobre três inscrições perdidas da Bobadela (Oliveira do Hospital)", *Conimbriga*, 21, p. 101-126.
- AMARAL, A. E. Maia do (1983), "Considerações preliminares acerca do forum II de Bobadela", *Munda*, 5, p. 3-14.
- ANACLETO, Regina (1981), *Bobadela Epigráfica*, Coimbra.
- CARRILHO, Prior Miguel Alves (1721), *Informações Paroquiais de 1721, n° 45, Bobadela*, manuscrito no Arquivo da Universidade de Coimbra.
- CASTELLO-BRANCO, José Barbosa Canaes de Figueiredo (1849), *Diferentes inscrições, Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1(7), p. 385-395.
- CORREIA, Vergílio (1944), *Museu Machado de Castro. Secções de Arte e Arqueologia. Catálogo-Guia*, Coimbra.
- CORREIA, Vergílio (1972), *Obras. IV. Estudos arqueológicos*, Coimbra.
- CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, A. Nogueira (1953), *Inventário artístico de Portugal. IV. Distrito de Coimbra*, Lisboa.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1990), "A religião", *Nova História de Portugal. I. Portugal das origens à romanização*, Ed. Presença, Lisboa, p. 442-461.
- FIGUEIREDO, A. Mesquita de (1913), "Monuments romains du Portugal", *Revue Archéologique*, Paris, 21, p. 351-353.
- FRADE, Helena; MOREIRA, José Beleza (1992), "A Arquitectura das Termas Romanas de S. Pedro do Sul", *Espacio, Tiempo y Forma (Actas de la Mesa Redonda sobre Termalismo Antiguo y culto de las aguas. Madrid, 1991)*, Serie II, 5, p. 515-544.
- FRADE, Helena; PORTAS, Clara (1994) "A arquitectura do anfiteatro romano de Bobadela", *Coloquio Internacional El Anfiteatro en la Hispania Romana (Mérida, 1992)*, Mérida, p. 349-371.
- GOMES, Marques; VASCONCELOS, Joaquim de (1883), *Exposição districtal de Aveiro em 1882. Relíquias da arte nacional*, Aveiro.
- ILHARCO, João (1932), "Bobadela. Antiguidades romanas - Um pouco da sua história", *A Comarca de Arganil*, ano 32, n° 1886.
- IRCP - ENCARNAÇÃO, José d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- MANTAS, Vasco Gil (1988), "ORARIUM DONAVIT IGADITANIS: Epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana", *1er Congreso Peninsular de Historia Antigua. Actas*, vol. II, Santiago de Compostela, p. 415-439.
- MENDES, Marcial (1963), "Bobadela - terra de grande interesse arqueológico", *A Comarca de Arganil*, ano 63, n° 5624.
- NUNES, João de Castro (1952), *A base antroponímica AREN[T] - numa inscrição figulina do Museu de Arganil*, Arganil.
- P. M. (1961), "Pesquisas arqueológicas no concelho de Oliveira do Hospital. Nunismas romanos", *A Comarca de Arganil*, ano 61, n° 5298.
- PELLATI, Francesco (1931), "I monumenti del Portogallo romano", *Historia*, Aprile-Giugno, ano V, n° 2.
- PORTAS, Clara (1983), "Bobadela. Escavações arqueológicas de 1982", *Munda*, 6, p. 32-42.
- PORTAS, Clara (1984), "Bobadela. Escavações arqueológicas de 1983", *Munda*, 8, p. 37-46.
- PORTAS, Clara; FRADE, Helena (1989), "Descoberta de um anfiteatro romano em Bobadela, Oliveira do Hospital", *I Colóquio Arqueológico de Viseu, Viseu, 1988* -

Actas, p. 379-401.

SARMENTO, Francisco Martins (1883), *Expedição científica à Serra da Estrela em 1881. Secção de Archeologia*, Lisboa.

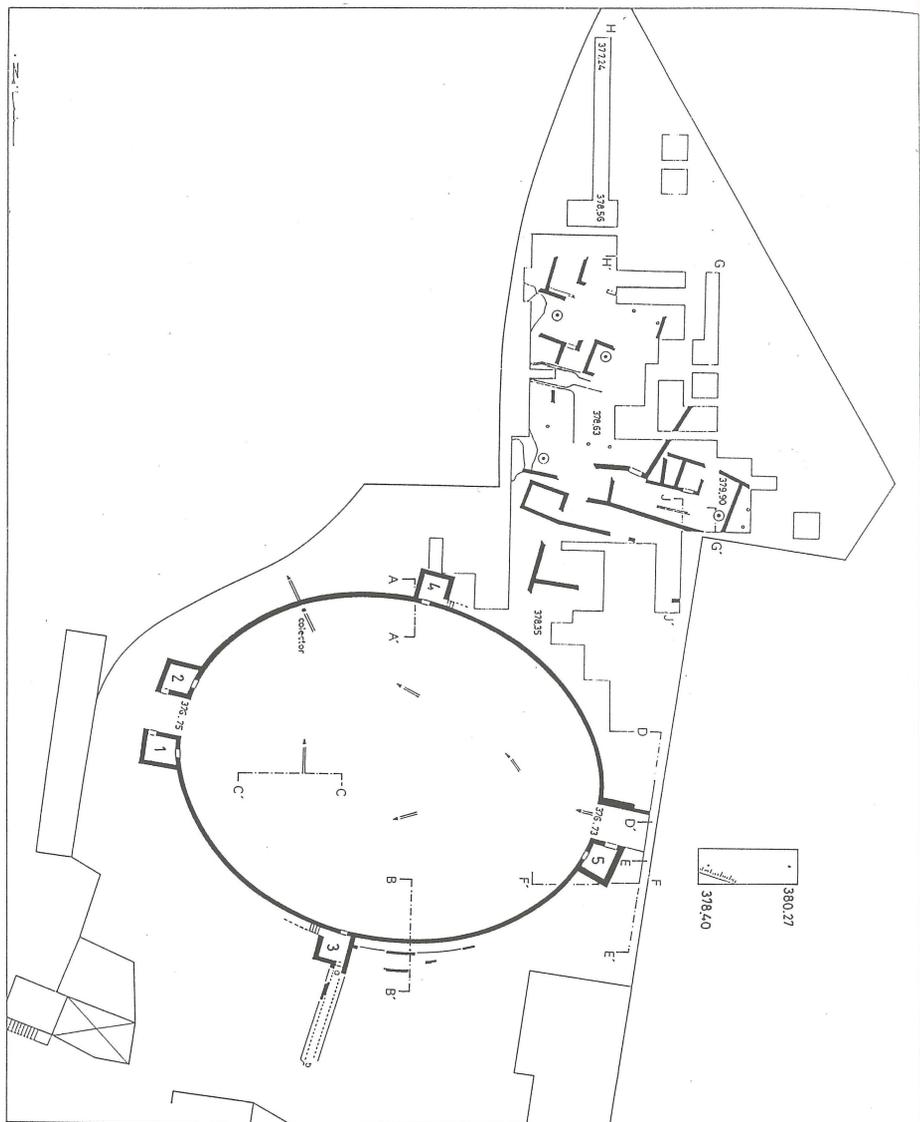
SECCO, António Luiz de Sousa Henriques (1853), *Memoria histórico-corographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*, Coimbra.

VASCONCELOS, António de (1922), *Brás Garcia de Mascarenhas*, Coimbra.

VASCONCELOS, José Leite de (1902), "Arco romano de Bobadella", "O Archeólogo Português", 7, p. 56-58.

VASCONCELOS, José Leite de (1913), *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa.

Fig. 1 — Anfiteatro e bairro augustano, a NW.



LEGENDA:
 ⊙ Lugar
 380,27 Condita
 * 318,40 Buncio de posse
 c- 379,09
 o- 380,77



BOBADILLA



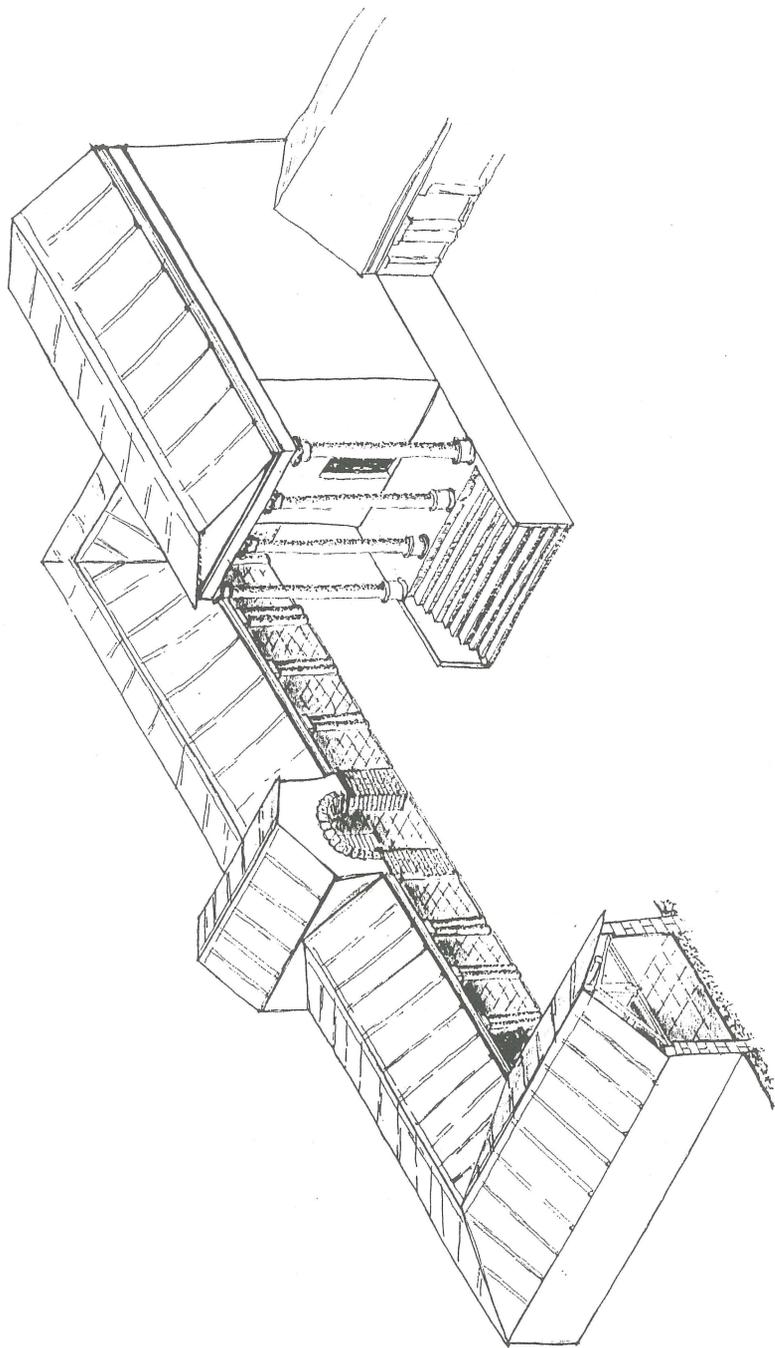


Fig. 4 — Reconstituição hipotética do *forum*, visto de NW.

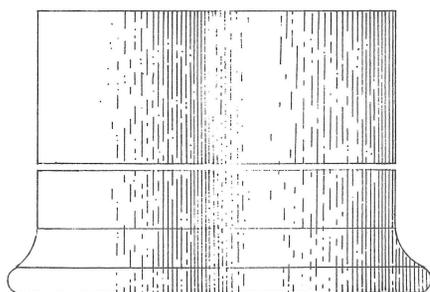
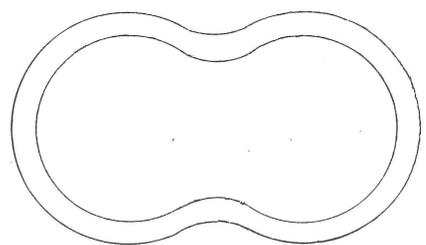


Fig. 5 — Base e secção do fuste de uma coluna dupla.

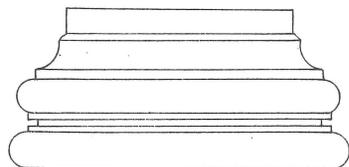
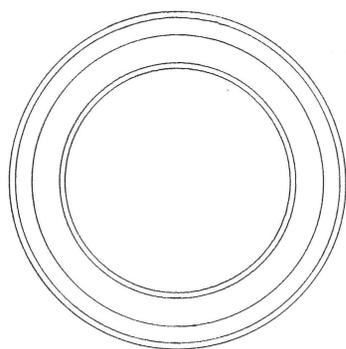


Fig. 6 — Perfil e secção de uma base.

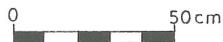
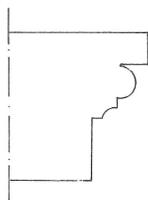
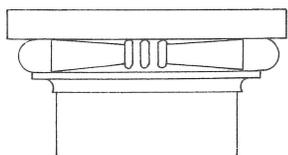
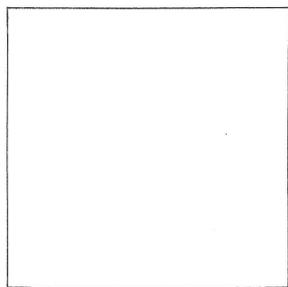


Fig. 7 — Perfil e secção de um capitel.



Foto 1 — Arco romano de Bobadela.

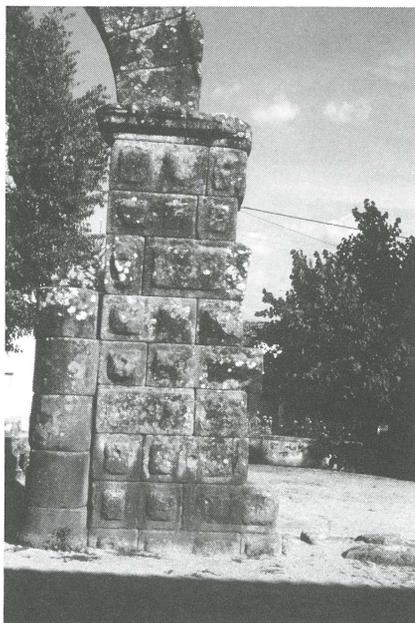


Foto 2 — Pormenor do arco, vendo-se as pedras almofadadas.

Est. VII



Foto 3 — O anfiteatro, visto de SE. Ao fundo vêem-se algumas das estruturas do bairro augustano.



Foto 4 — Estruturas do bairro augustano.



Foto 5 — Estruturas do bairro augustano, vendo-se em primeiro plano uma das lareiras encontradas.



Foto 6 — Estruturas do bairro augustano.



Foto 7 — Pormenor da face interior da parede N do *forum*.

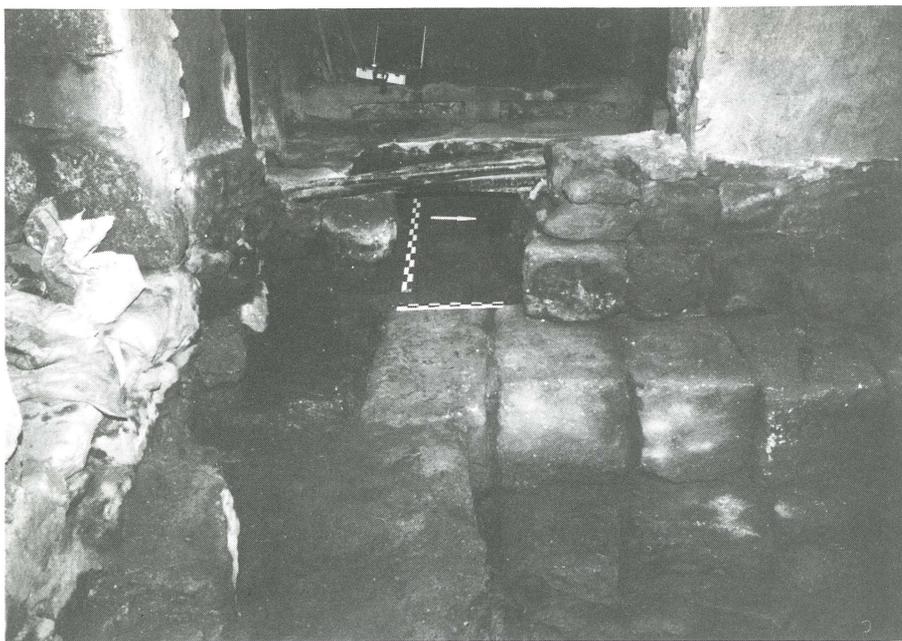


Foto 8 — Sondagem na Casa do Adro. Silhares de embasamento do templo.



Foto 9 — Colunas duplas encostadas ao arco.

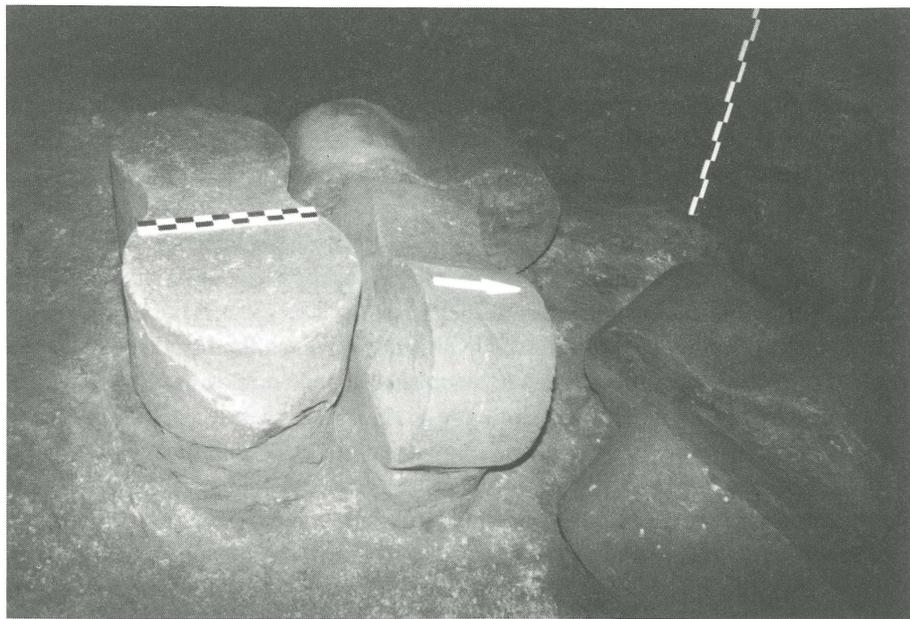


Foto 10 — Colunas duplas encontradas dentro da Casa do Adro,
junto das estruturas do templo.